

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

ÁGDA ANTONIA A. DOS SANTOS
ANA CATARINA DE L. SOARES
BRUNA ALVES DE AQUINO
KÍVIA CECÍLIA N. DE CARVALHO
LUIZ FERNANDO J. DE SANTANA

**O PAPEL DO ENFERMEIRO DIANTE DE SINAIS DE
ABUSO SEXUAL INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA**

RECIFE/2022

ÁGDA ANTONIA A. DOS SANTOS
ANA CATARINA DE L. SOARES
BRUNA ALVES DE AQUINO
KÍVIA CECÍLIA N. DE CARVALHO
LUIZ FERNANDO J. DE SANTANA

O PAPEL DO ENFERMEIRO DIANTE DE SINAIS DE ABUSO SEXUAL INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado
em Enfermagem.

Professor Orientador: Esp. Hugo Christian de Oliveira Felix

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

P214 O papel do enfermeiro diante de sinais de abuso sexual infantil na atenção básica / Kívia Cecília Nascimento de Carvalho [et al]. Recife: O Autor, 2022.
17 p.

Orientador(A): Prof. Hugo Christian de Oliveira Felix.

Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – Unibra. Bacharelado em Enfermagem, 2022.

Inclui Referências.

1. Abuso sexual. 2. Violência. 3. Crianças. 4. Saúde. 5. Enfermeiro. I. Aquino, Bruna Alves de . II. Santana, Luiz Fernando Jerônimo de. III. Santos, Ágda Antonia Albuquerque dos. IV. Soares, Ana Catarina de Lima. V. Centro Universitário Brasileiro - Unibra. VI. Título.

Cdu: 616-083

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus: por nos manter confiantes, unidos e motivados ao longo do curso pelo motivo em comum de um dia usar os conhecimentos científicos somados durante esses cinco anos para ajudar e cuidar das pessoas.

Aos nossos pais, irmãos e amigos que nos incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a ausência enquanto estávamos dedicados à realização deste trabalho. Também gostaríamos de agradecer em especial a nossa amiga Patrícia Gomes de Lima, quem nos ajudou com sua vasta experiência desde o início deste projeto de pesquisa.

Aos nossos professores por toda a paciência em exercer o seu trabalho e, em específico ao nosso orientador, quem corrigiu essas páginas mais de uma vez.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa e da nossa formação, enriquecendo nosso processo de aprendizado.

*“Queremos ter certezas e não dúvidas, resultados e não experiências, mas nem mesmo percebemos que as certezas só podem surgir através das dúvidas e os resultados somente através das experiências”
(Carl Jung)*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	8
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
3.1 ABUSO SEXUAL.....	9
3.2 PAPEL DA ENFERMAGEM	10
3.3 PAPEL DO PROFISSIONAL DE SAÚDE DIANTE DO ABUSO SEXUAL	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
REFERÊNCIAS.....	16

O PAPEL DO ENFERMEIRO DIANTE DE SINAIS DE ABUSO SEXUAL INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA

Ágda Antonia Albuquerque dos Santos

Ana Catarina de Lima Soares

Bruna Alves de Aquino

Kívia Cecília Nascimento de Carvalho

Luiz Fernando Jerônimo de Santana

Hugo Christian de Oliveira Felix¹

Resumo: A violência sexual infantil é uma questão crescente no Brasil que vem se tornando um grave problema de saúde pública. A atenção primária torna-se um ambiente fértil para enfrentamento desse tipo de abuso devido a estreita relação com a comunidade. Porém, nota-se que o enfermeiro muitas vezes desconhece o seu papel diante dessa temática. Portanto o objetivo desse estudo é analisar o papel do enfermeiro diante de sinais de violência sexual na atenção básica através de revisão bibliográfica. Durante o estudo foram verificados três principais papéis do profissional enfermeiro: identificação de possíveis casos, notificação compulsória, prevenção e promoção. Entretanto, é perceptível que os profissionais enfrentam muitas barreiras como ausência de capacitação adequada e medo. Assim observa-se a importância da abordagem da temática na formação curricular dos cursos de enfermagem e a necessidade de uma equipe de apoio multiprofissional capacitada.

Palavras-chave: Abuso sexual. Violência. Crianças. Saúde. Enfermeiro.

¹ Professor da UNIBRA. Esp. em Gestão Educacional. E-mail: hugo.christian@grupounibra.com

1 INTRODUÇÃO

O abuso infantil é caracterizado como toda e qualquer violência causada por um adulto a uma vítima menor de idade e incapaz de se defender. Este tipo de violência é uma das principais causas de mortes dessa faixa etária, constituindo-se como um problema de saúde pública. Estatísticas mostram que o número de casos de abuso infantil vem crescendo a cada ano, e apesar dos números serem alarmantes é importante salientar que muitos casos ainda não são notificados. Para muitos profissionais da área de saúde, lidar com esses casos ainda é um obstáculo. (Santos *et al.* 2021)

Entende-se por violência sexual infantil qualquer ato sexual imposto a uma criança por um agressor em estado psicosexual maior que a vítima. As unidades básicas de saúde são importantes locais de enfrentamento precoce, devido ao vínculo estabelecido entre profissional e paciente. (Silva e Ceribelli, 2021)

Segundo Silva *et al.* (2020), todo o cenário de abuso sexual contra a criança e ao adolescente é um desafio para a saúde pública por ocasionar impactos emocionais e físicos ao longo de toda vida da vítima de violência sexual (VS), visto que este tipo de conduta atinge mais crianças do que adolescentes em razão da vulnerabilidade das vítimas, frequentemente incapazes de se defender. Atualmente, há uma conscientização cada vez maior de saber lidar com casos de abuso infantil, uma vez que tais acontecimentos podem trazer consequências negativas por toda vida do indivíduo.

A lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que:

Art. 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais. Art. 13º - Os casos de suspeita ou confirmação de maus tratos contra a criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao conselho tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais (BRASIL, 1990)

Apesar de a identificação e notificação de casos de VS serem deveres dos profissionais enfermeiros, entende-se que a subnotificação desses casos é um grave problema, apesar do avanço na legislação e da criação de órgãos que combatem os diversos tipos de violência em crianças e adolescentes. (SILVA *et al.*, 2020).

É fundamental que se construa o perfil dos indivíduos vulneráveis, expandindo assim o estudo epidemiológico desses casos, a fim de que o poder público possa

tomar medidas de prevenção, atenção e proteção as crianças vítimas dessas violências. (SILVA, 2020).

O presente estudo encontra sua justificativa na necessidade de capacitar o profissional da enfermagem para lidar com os casos de abuso sexual infantil. O objetivo deste trabalho é descrever, através de uma pesquisa bibliográfica, quais atitudes são esperadas do profissional enfermeiro diante dos sinais de abuso infantil.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa trata-se de uma revisão de literatura na modalidade integrativa, através de revisão de estudos científicos obtidos nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), principalmente nas bases de dados eletrônicos Scielo, no período entre fevereiro e maio de 2022, utilizando os descritores: Abuso infantil, Violência sexual, Crianças e Enfermagem.

A revisão da literatura serve para reconhecer a unidade e a diversidade interpretativa existente no eixo temático em que se insere o problema em estudo, para ampliar e ramificar a análise interpretativa, bem como para compor as abstrações e sínteses que qualquer pesquisa requer, colaborando para a coerência nas argumentações do pesquisador (FERENHOF; FARNANDES, 2016).

A pesquisa teve os seguintes critérios de inclusão: dados nacionais estatísticos atualizados publicados no período de 2015 a 2022 em fontes oficiais de segurança e saúde pública, estudos científicos relacionados ao tema principal ou quaisquer ramificações do mesmo, e texto em língua portuguesa. Já os critérios de exclusão foram: estudos apresentando dados estatísticos datados em anos anteriores a 2015, artigos de material repetido e com fontes antigas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente a violência é um conceito que vem sendo historicamente ampliado, no cenário atual é considerado uma prática habitual, justificada e aceita pela sociedade. Tendo isso como base, observa-se um problema de saúde pública muito grave visto que atinge uma importante parcela da população, ocasionando danos irreparáveis em alguns casos (SILVA; CERIBELLI, 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem como definição a violência da criança e do adolescente como toda e qualquer forma de abuso sexual, maus-tratos físicos e/ou emocionais, tratamentos negligentes ou qualquer outro meio de

exploração, com capacidade de gerar danos reais à saúde infantil.(EGRY, 2016).

Para Conceição *et al.*(2021) em esfera internacional, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estipula que, em todo o mundo, uma a cada 5 mulheres sofreu violência sexual (VS) na infância. Um estudo feito no Quênia, Malawi, Haiti, Tanzânia e Camboja alerta queo índice de abuso sexual infantil varia, entre 82 e 93%. Conceição *et al.* continua “O inquérito nacional constatou que, dos 2.575.269 adolescentes escolares brasileiros entrevistados, 101.901 foram forçados a ter relações sexuais somente no ano de 2015.”

3.1 ABUSO SEXUAL

Conceituado como um problema complexo na saúde pública, multifacetado e endêmico, o abuso sexual tem origem nas relações de poder e desigualdade, firmadas por um contexto sociocultural. Todas as classes sociais acabam sendo afetadas, independentemente da raça, etnia ou gênero, construindo-se a partir de uma dinâmica arbitrária entre o agressor, a criança, familiares e afetando todo o tecido social. (Miranda *et al*; 2019).

Miranda (2019) prossegue dizendo que esse tipo de abuso é caracterizado por estímulo sexual da criança ou adolescente, da qual o agressor tem desenvolvimento psicosssexual e idade superior ao da vítima. Podendo ser relação hetero ou homossexual e ocorrer através de meios como assédio e exploração sexual, estupro, incesto, pedofilia, manipulação de genitália, ânus ou mama, pornografia, o ato sexual com penetração, jogos sexuais, práticas eróticas não consentidas, além do “voyeurismo” que é uma prática que consiste num indivíduo conseguir obter prazer sexual através da observação de pessoas.

Segundo o relatório da United Nations Children’s Fund (UNICEF), “A Familiar Face: Violence in the lives of children and adolescents” (2017), a cada sete minutos, pelo mundo, uma criança ou adolescente é vítima de abuso e, aproximadamente, 15 milhões de adolescentes do sexo feminino, entre 15 e 19 anos, foram vítimas de relações sexuais ou outros atos sexuais forçados.

Existem dois tipos de abuso sexual, o extrafamiliar, que ocorre fora do âmbito familiar e o intrafamiliar, também conhecido como incesto. (Oliveira, *et al.* 2020).

De acordo com o boletim epidemiológico publicado pelo Ministério da Saúde em 2018, o Brasil teve um aumento no número de notificações de 83% entre 2011 a 2017. Os dados epidemiológicos se baseiam nas notificações, por isso não abrangem a totalidade dos casos, já que muitos não chegam a ser notificados. (Oliveira *et al.*

2020).

De acordo com Bispo (2015) os sinais de abuso sexual podem ou não envolver contato físico com a criança ou adolescente; pois, não se deve esperar que este tipo de violência apresente um sinal corporal evidente posto que este fenômeno pode variar desde atos em que não se produz o contato sexual até alternados tipos de ações que compreendem contato sexual sem ou com penetração.

Foram realizadas entrevistas com profissionais da área da saúde, eles apontam alguns sinais e sintomas que despertam a suspeita que levam a investigação de abuso sexual infantil. São eles: dor, sangramento, alteração na genitália e/ou ânus, laceração na genitália e/ou ânus e infecções sexualmente transmissíveis. (Conceição *et al.* 2021).

Com a experiência e o olhar clínico dos profissionais, pode-se perceber alguns sintomas, e os relatos foram:

Havia registro no prontuário dela de lesão vaginal. [...] suspeitou-se de VS porque a adolescente estava com muita dor na vagina, inclusive precisou ser sedada para o médico fazer a avaliação. (P17, Enfermeira).
 [...] era uma bebê, com menos de dois anos. Identificamos como VS porque ela chegou com uma hemorragia pela vagina. (P8, Técnica de Enfermagem).
 Lembro de uma criança que a genitália estava toda machucada, dilacerada. Você não conseguia identificar o que era ânus e o que era vagina. (P23, Técnica de Enfermagem). (CONCEIÇÃO ET AL. 2021).

Além do sentimento de culpa, crianças que são expostas a esse tipo de violência podem apresentar diversos traumas psicológicos como depressão, ideias suicidas, baixa autoestima, medo. (Oliveira *et al.*, 2020).

Levando isto em consideração, os profissionais da enfermagem e da saúde em geral, necessitam de conhecimentos específicos e preparo emocional, visto que sinais não físicos e inespecíficos presentes em crianças e adolescentes precisam ser investigados a fundo, a fim de descobrir se estão ligados aos abusos sexuais. (Fornari *et al.* 2018).

3.2 PAPEL DA ENFERMAGEM

Para Stacciarini *et al.* (1999) a enfermagem visa atender as necessidades básicas afetadas do paciente. É o diagnóstico e o tratamento de problemas reais de saúde. O papel do enfermeiro está pautado na preservação, respeito e no

reconhecimento das particularidades, das individualidades e as variabilidades das situações e necessidades dos usuários.

De acordo com Medeiros e Tavares (1997) a enfermagem, como parte integrante do setor saúde, deve ser contemporânea com as mudanças que ocorreram na sociedade. É a equipe que interage com todas as áreas de suporte da instituição, tendo papel importante na melhoria contínua da qualidade do atendimento aos pacientes. Com a prática social a enfermagem está inserida na sociedade estabelecendo um elo com outros setores da saúde e com as demais categorias de sua equipe.

A atuação do profissional da enfermagem é voltada diretamente ao fazer pelos doentes, de mesmo modo com aqueles que estão com uma saúde adequada (como seus colegas de trabalho e os acompanhantes dos pacientes). Incide assim, que a enfermagem deixa de ser a ciência do simples cuidado do doente, mas incorpora ações que visam cuidar de vários elementos contra o adoecimento. Está pautada em uma prática social a partir de um processo dinâmico que envolve uma rede de relações por sua capacidade de acolher e compreender as diferenças (SILVA e ROSEIRA, 2021).

Segundo Custódio (2021) a enfermagem atua de forma multidisciplinar com outros profissionais de saúde e é definida como uma ciência e uma arte de cuidar através de ações voltadas para a educação, recuperação, manutenção e promoção da saúde do indivíduo. O profissional enfermeiro conta com enorme responsabilidade no trato hospitalar, sendo responsável por diversas tarefas dentro dos cuidados com a saúde e a satisfação do paciente.

3.3 PAPEL DO PROFISSIONAL DE SAÚDE DIANTE DO ABUSO SEXUAL

Bispo (2015) ressalta a predominância de cinco categorias de profissionais, que lidam diretamente com os casos de abuso sexual. São elas: técnicos e auxiliares em enfermagem, enfermeiros, médicos, psicólogos e assistentes sociais, sendo as unidades hospitalares uma das portas de entrada para várias situações de violências contra crianças e adolescentes.

De acordo com Cocco, Silva e Jahn (2008), recomenda-se que seja necessário de 15 a 23 profissionais indispensáveis no atendimento de vítimas de abusos sexuais em hospitais de referência. Deve-se levar em consideração que o atendimento desse

tipo de violência não se limita a um só profissional, sendo necessária a atuação conjunta de várias categorias, requerendo uma busca compartilhada de conhecimento com vista a elaboração de um diagnóstico eficaz e no tratamento adequado para tal.

Conforme Furniss (1993) os profissionais de enfermagem mais especificamente, consideram o abuso sexual contra crianças e adolescentes um trabalho extremamente complexo e desafiante, sendo necessário o rompimento de estruturas tradicionais e preparo para lidar com os vários tipos de violência sexual através de um trabalho conjunto das distintas áreas profissionais.

Precisa-se desenvolver capacitação qualificada para os profissionais para que possam oferecer um agir ético e com excelência em situações de violência e abusos (SILVA, 2003). Oliveira (2012) compreende que ao se deparar com casos de abuso sexual o profissional de enfermagem precisa levar em conta os padrões de relação que vão além do ato abusivo. Precisa considerar a especificidade do abuso, o singular de cada família e de cada criança atendida.

Segundo Furniss (1993) o abuso sexual cometido contra crianças e adolescentes além de ser uma questão normativa e política também é uma questão clínica necessitando de uma discussão cada vez maior da atuação do profissional. Os métodos utilizados nessa atuação devem ser discutidos para que cada vez o atendimento e o acompanhamento sejam melhorados.

Os profissionais precisam também ser qualificados para o conhecimento dos aspectos criminais e legais e adquirirem conhecimentos psicológicos que garantam a integridade da criança e do adolescente, de forma que ela seja assistida da melhor maneira possível. É importante que o profissional de enfermagem compreenda a criança e o adolescente como seres humanos dependentes de proteção e com direitos que devem ser respeitados (FURNISS, 1993).

O papel do enfermeiro nas situações de violência contra crianças e adolescentes deve estar pautado não apenas em conhecimentos técnicos e científicos, mas também na sensibilidade de lidar com cada caso, respeitando o lado humano buscando um atendimento consistente nos cuidados físicos e psicológicos que a vítima necessita (CIUFFO, 2008).

Cunha (1998) sugere que o diagnóstico do abuso deve ser conduzido de forma sistemática por pessoas qualificadas e o enfermeiro como integrante da equipe interdisciplinar deve participar de todas as etapas do processo de acompanhamento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da coleta do material, procedeu-se à leitura e análise minuciosa dos artigos científicos centrados no tema. Após aplicar os critérios de exclusão, foram utilizados 29 artigos para a elaboração deste estudo os que contribuíram com dados relevantes ao tema central.

De acordo com as estatísticas do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em setembro de 2018, destacou-se que a cada dez casos de violência sexual, oito ocorrem a mulheres e meninas, e dois contra homens e meninos. Dados como esse evidenciam a vulnerabilidade e a prevalência deste tipo de violência contra o sexo feminino majoritariamente infantil. (MPPR, 2019) Assim, seria o sexo masculino menos suscetível a esta forma de violação? Para responder a este questionamento, é necessário salientar que o público masculino que sofre abuso sexual ainda é subnotificado, dificultando a coleta de dados e precisão de dados estatísticos nas pesquisas, o que acarreta na possibilidade de influência no perfil de morbimortalidade. (Fernandes, *et al.* 2017).

A alta prevalência de casos acontece pelas relações familiares mais íntimas como pais, tios, madrastas, padrastos e amigos próximos da família (Fernandes, *et al.* 2017) e os fatores que podem ser associados ao âmbito familiar são: uso de drogas, desemprego, dificuldades econômicas e mãe ausente. (Soares *et al.* 2016). O abusador tem com a vítima uma relação que a faz se sentir segura e importante, guardando segredos entre eles — o que dificulta a percepção de outros familiares, pois geralmente não há alterações imediatas na rotina. (Pires *et al.*, 2017)

Saber identificar alguns dos principais sinais durante uma anamnese e exame físico, principalmente durante a consulta de enfermagem na unidade de saúde da família, é de extrema importância para a denúncia efetiva neste tipo de situação. Isso porque o profissional de enfermagem tem habilidades e qualificação para avaliar e identificar padrões fora da normalidade anatomofisiológica de seus pacientes. Levando em consideração a importância de que o enfermeiro saiba como lidar com uma criança potencialmente vítima de abuso sexual, torna-se necessária a capacitação e atualização profissional neste quesito. (Fernandes, *et al.* 2017)

As unidades de atenção primária são a porta de entrada para o serviço público onde normalmente os pacientes serão acompanhados por toda a vida, por isso é o ambiente ideal para verificação de sinais de abuso infantil. Além da falta de

conhecimento e qualificação, outra dificuldade enfrentada pelos enfermeiros é a alta demanda de atendimentos, o que pode ocasionar negligência durante a consulta de enfermagem. (Silva e Ceribelli, 2021).

Uma vez que o processo de enfermagem seja bem executado pelo profissional durante o atendimento da criança, pontuais anormalidades podem aparecer. Por isso, a investigação do caso requer um ambiente adequado que proporcione proteção e atenção à vítima, de forma que haja acolhimento e humanização para a criança abusada sexualmente, visando sua proteção de um possível agressor. No entanto, devido a limitação dos serviços, os casos podem não ser investigados, o que pode proporcionar a repetição da violência. Além disso, recorrentemente o profissional se vê em um conflito ético e legal, ou pela falta de conhecimento da legislação, não faz a investigação e notificação do caso. (Fernandes, *et al.* 2017).

Além dos profissionais que atendem vítimas de abuso precisarem passar por treinamentos científicos e técnicos, a equipe de enfermagem precisa seguir protocolos como a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e a Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESC). (Schreiner *et al.* 2021).

Dos sinais e sintomas clínicos provenientes dos abusos, é comum o aparecimento de edemas ou lesões em região genital não advindos de doenças ou traumas, sangramento vaginal ou dor, lesões de palato, fissuras, dilatação e marcas anais sem ser causadas por doenças, rompimento de hímen, infecções sexualmente transmissíveis e urinárias, gravidez e aborto espontâneo. (Schreiner *et al.* 2021)

Também são identificados danos psicológicos: desconfianças, fobias, depressão, desânimo com a história, isolamento, déficit de aprendizagem e síndrome do pânico. (Schreiner *et al.* 2021).

A curto prazo alguns sintomas se sobressaem, alterando o comportamento da criança: choros frequentes, irritabilidade, atraso no desenvolvimento da fala, apatia, desconforto no colo, ansiedade, agressividade acentuada, pesadelos, medo das pessoas, automutilação, déficit de atenção. (Schreiner *et al.* 2021).

É de suma importância relatar a higienização e a remoção de secreções e roupas, uma vez que pode comprometer os indícios do crime. O enfermeiro também precisa registrar todos os fatos que possam indicar um possível abuso, como por exemplo: manchas de sangue em calcinha. A curto prazo alguns sintomas se

sobressaem, alterando o comportamento da criança: choros frequentes, irritabilidade, atraso no desenvolvimento da fala, apatia, desconforto no colo, ansiedade, agressividade acentuada, pesadelos, medo das pessoas, automutilação, déficit de atenção. (Schreiner *et al.* 2021).

A notificação passou a ser obrigatória para os profissionais da saúde através da Lei Federal, Portaria nº 1968/2001, a qual deve ser encaminhada a vigilância epidemiológica e também ao conselho tutelar, para desenvolver melhor um planejamento para as crianças e adolescentes. É atribuição do enfermeiro informar aos demais profissionais de saúde das unidades, aos devidos informes sobre o caso da criança, visando o seu melhor atendimento e proteção. (Lei Federal, 1968/2001).

Cuidar de uma criança que está passando por uma situação de violência requer mais que conhecimento técnico, é preciso perceber no olhar e pelas individualidades de cada uma as suas necessidades. Para isso, é importante a auto avaliação do profissional, de seu estado mental e da sua capacidade de lidar com essas situações. (Fernandes *et al.* 2017).

Segundo Pires (2017), as crianças sentem-se coagidas a explicar o que vem acontecendo e nesse caso o enfermeiro deve estabelecer um vínculo com a criança, conquistando sua confiança e realizando os cuidados de forma acolhedora e demonstrando afeto conciso.

O enfermeiro ao realizar o atendimento à criança e adolescente vítimas de violência deve atuar auxiliando também no combate a este crime, acrescentando as habilidades e competências específicas que lhes são designadas, a capacidade de introduzir-se em uma equipe multiprofissional e de influir estrategicamente, no que se diz respeito à promoção, prevenção e reabilitação da saúde dos pacientes, conseqüentemente, o faz assumir um dever ético, social e humanístico (Valera *et al.* 2015).

De acordo com Egry *et al.* (2018), a notificação feita pelo enfermeiro tem o papel de informar ao órgão ou determinado setor o acontecido à criança e que a denúncia não deve ser feita de maneira acusatória, mas sim com um ato de alertar e ajudar a garantir a proteção do menor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto apresentado, a equipe multidisciplinar de saúde também é responsável pela detecção e notificação de casos suspeitos ou confirmados de abuso

sexual infantil, desde que haja a identificação de sinais comportamentais ou anatomofisiológicos na vítima, ou até mesmo no relato da própria criança ou de testemunha. Torna-se imprescindível que o profissional de enfermagem saiba como lidar com a suspeita ou constatação dessa violência, para que assim possa atuar na assistência à vítima de forma integral, acolhedora e humanizada.

Dessa forma, a capacitação periódica obrigatória multidisciplinar dos profissionais atuantes em unidades de atenção primária é fundamental para a identificação e o controle desses casos, para evitar eventual negligência diante de sinais de abuso em crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

BISPO, D.; Atuação dos Profissionais de Saúde no Atendimento às Crianças Vítimas de Abuso Sexual. Universidade Federal do Rio de Janeiro- RJ. 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6505/1/Dbispo.pdf>.

CIUFFO, L. L.; Assistência do enfermeiro a criança com suspeita de abuso sexual. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/11325/1/Lia%20Leao%20Ciuffo.pdf>.

COCCO M, SILVA EB, JAHN AC. Abordagem dos profissionais de saúde em instituições hospitalares a crianças e adolescentes vítimas de violência. **Rev. Eletr. Enf. 2008**; Disponível em : <https://revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/7939>.

CONCEIÇÃO. M. M. ET AL. Sinais e sintomas de violência sexual infantojuvenil: Relatos de profissionais de saúde. **Rev enferm UERJ**, 2021; 29:e57289. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2021.57289>.

CUNHA, J. M.; Atendimento as crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: Impasses e Desafios. 1998. (Mestrado em Enfermagem) – Instituto Fernandes Figueira, fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro. 1998. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3551>.

CUSTÓDIO, V. C. B.; A importância da enfermagem civil atuando no exército brasileiro. Escola de Saúde do Exército, Programa de Pós-Graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares. 2021. Disponível em https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/9757/1/MONO_VANESSA%20OSTA%20BENTO%20CUST%20C3%93DIO_CFO.pdf.

DA SILVA S. A.; CERIBELLI C. O papel do enfermeiro frente a violência infantil na atenção primária. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 8, p. e5001, 29 jan. 2021.

EGRY EY, APOSTÓLICO MR, MORAIS TCP, LISBOA CCR. Coping with child violence in primary care: how do professionals perceive it?. **Rev Bras Enferm.** [Internet]. 2017;70(1):113-19. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0009>

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F.. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SFF. **Revista ACB**, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016

FERNANDES, F. de S.; CRUZ, K. D. da; ASSIS, B. F. de; ASSIS, V. K. B. de; NERY, F. S. O Olhar do Enfermeiro no Reconhecimento de Violência Sexual em Crianças e Adolescentes durante o Atendimento Hospitalar. Congresso Internacional de Enfermagem, [S. l.], v. 1, n. 1, 2017.

FURNISS, T. Abuso Sexual da Criança: Uma Abordagem Multidisciplinar, Manejo, Terapia e Intervenção Legal Integrados. Porto Alegre: Artes Medicas, 1993. 337 p.

LEI FEDERAL PORTARIA No 1,968, DE 25 DE OUTUBRO DE 2001. O Ministro de Estado da Saúde, Art. 87, inciso II, da Constituição Federal, Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2001/prt1968_25_10_2001_rep.html

MATOS, A.T.C. Ideias e conhecimentos dos profissionais de saúde sobre o maltrato infantil. Tese (mestrado) – Universidade do Alarvo, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2017.

MEDEIROS, L. C. TAVARES, K. M.; O papel do enfermeiro hoje. **Rev. Bras. Enferm., Brasília**, v. 50, n. 2, p. 275-290, abr. jun 1 997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/HPTsy4Z8bFwm4PT5td9Fjfk/?format=pdf&lang=pt>.

MIRANDA M. H. H., FERNANDES F. E. C. V., MELO R. A, MEIRELES R. C. Sexual violence against children and adolescents: an analysis of prevalence and associated factors. **Rev Esc Enferm USP**. 2020;54:e03633. doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633>

OLIVEIRA, A. C. de et al.; Abuso Sexual de Crianças e adolescente: desafios na qualificação profissional. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa, 2003. Cap. 2. p. 45-73. Disponível em : <https://cressrn.org.br/files/arquivos/YU5ag044Psc998CW1307.pdf>. Acesso em 09 de abr. 2022.

OLIVEIRA, F. G.. Et al. Atuação do Enfermeiro frente à criança/adolescente vítima de abuso sexual. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 11, Vol. 17, pp. 83-102. Novembro de 2020.

OLIVEIRA, I.J.; CRUZ, C. A. B.; Abuso Sexual: Uma Reflexão Sobre a Violência Contra Crianças e Adolescentes. Araguaína-TO. **Revista Científica do ITPAC**. 2015. Disponível em: https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/76/Artigo_2.pdf.

PIRES, A.C. Papel Do Enfermeiro Frente Ao Abuso Sexual De Crianças E Adolescentes. Centro Universitário De Brasília- Uniceub, 2017.

REZENDE. S.; Terapia Cognitiva-Comportamental e Políticas Públicas Direcionadas a Crianças e Adolescentes vítimas de Abuso Sexual : Limites e Possibilidades. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39082/000824752.pdf?sequence=1>.

RODRIGUES, A.A.B; SILVA, W.A.L; SANTOS, A.L; PARANHOS, S.B; AZEVEDO, B.A.R. A importância da assistência de enfermagem à criança e ao adolescente vítima de abuso sexual: uma revisão de literatura. Anais do IV Congresso de Educação em Saúde da Amazônia (COESA), Universidade Federal do Pará, 2015.

SÁNCHEZ, F.L. Prevención de los abusos sexuales de menores y educación sexual. Salamanca: Amarú Ediciones, 1995. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Prevenci%C3%B3n-de-los-abusos-sexuales-de-menores-y-S%C3%A1nchez/7007f1d0c7bbd256771fcd9ab49a8aa080878b65>.

SILVA S.B.J, CONCEIÇÃO H.N, CÂMARA J.T, MACHADO R.S, OLIVEIRA M.R, MOURA D.E.S, et al. Perfil das notificações de violência contra crianças e adolescentes. **Rev enferm UFPE on line**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.244171>

SILVA, I. L. R.. Desafios na Formação Acadêmica em Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes: desafios na qualificação profissional. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa, 2003. Disponível em: <https://www.amazon.com.au/Desafios-Forma%C3%A7%C3%A3o-Profissional-Qualifica%C3%A7%C3%A3o-Trabalho/dp/853626103X>.

SILVA, M. F. DA ., & ROZEIRA, C. H. B. (2021). A ENFERMAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL. **Revista Multidisciplinar Em Saúde**, 2(4), 76. DOI: <https://doi.org/10.51161/remss/2832>.

STACCIARINI, J.M.; ANDRAUS, L.M.S.; ESPERIDIÃO, E. NAKATANI, A.K. - Quem é o enfermeiro?. **Revista Eletrônica de Enfermagem (online)**, Goiânia, v.1, n.1, out-dez. 1999. Disponível: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/index>.

SOARES, E.M.R; SILVA, N.L; MATOS, M.A.S; ARAÚJO, E. T. H; SILVA, L. E; LAGO, E. C. Perfil da Violência Sexual contra crianças e adolescentes Revista Interdisciplinar. V. 9, n. 1, p. 87-96, 2016.

United Nation Children's Fund. A familiar face: violence in the lives of children and adolescents [Internet]. New York: UNICEF; 2017. Disponível em: https://www.unicef.org/publications/index_101397.html

VALERA, I.M.A; ALMEIDA, E.C; BALDISSERA, V.D.A; JAQUES, A.E; BUENO, S.M.V. Atuação da equipe de enfermagem diante da violência infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 17, n.3, p.103-111, 201.